VOL. II FEVEREIRO DE 1896 N.º 2

O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLECÇÃO ILLUSTRADA DE MATERIAES E NOTICIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOGRAPHICO PORTUGUÊS

Veterum volvens monumenta virorum

LISBOA
IMPRENSA NACIONAL
1896

SUMMÁRIO

Os desenhos de Francisco de Hollanda.

Estudos numismaticos.

Sepulturas antigas descobertas em Beja.

Informações archeologicas colhidas no «Diccionario Geographico» de Cardoso.

Antiguidades romanas de Balsa.

Bibliographia.

Estractos archeologicos das «Memorias parochiaes de 1758.»

Este fasciculo vae illustrado com 2 estampas.

Comisión Provincial de Monumentos - GRANADA
BIBLIOTECA
Sala
Estante
Número 15

ARCHIVO HISTÓRICO PROVINCIAL (GRANADA)
Sala
Sección
Serie
Libro n.º 12

R. 190

O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLECÇÃO ILLUSTRADA DE MATERIAES E NOTICIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOGRAPHICO PORTUGUÊS

VOL. II FEVEREIRO DE 1896 N.º 2

Os desenhos de Francisco de Hollanda

(Antiguidades da Italia no Codice da Bibliotheca do Escurial)

1. Introducção

O Codice do Escurial (altura 0,46–46 ½; largura 0,35–0,35 ½), tem as seguintes marcas:

Na guarda do volume: S.ª 3.ª K–3.

Segue uma folha branca, que tem no verso a marca Z. Z. 8; e mais abaixo outra marca $\frac{A}{E}$–ij–6.

Segue o titulo na fol. 1 (rótulo quadrilongo no estylo da Renascença). Vid. o fac-simile na revista *El arte en España*, vol. II, pag. 117:

REINANDO · E · PORTVGAL
EL REI · DŌ · IOAŌ · III · QVEDS · TEM ·
FRANCISCO · D'OLLANDA ·
· PASSOV · A ITALIA ·
E DAS · ANTIGVALHAS ·
QVE VIO
RETRATOV · DE SUA MŌ ·
TODOS OS DESENHOS
· DESTE ·
LIVRO ·

ARCHIVO HISTÓRICO PROVINCIAL GRANADA

BIBLIOTECA

Tem o volume 54 folhas ou 108 paginas.

Os desenhos, feitos em papel mais grosso, estão collados sobre papel de linho mais delgado; á volta tem todos uma tarja côr de purpura, que ora corta algumas linhas, ora cobre linhas inteiras das inscripções dos desenhos (vid. por exemplo fol. 4 *v*). Alguns desenhos foram aparados (fol. 6 *v*, etc.) quando encadernaram o volume, que de resto está bem tratado. O Codice passou das mãos de D. João III para as do Infante D. Luis; depois teve-o o Prior do Crato, seu filho natural, e foi provavelmente confiscado por Filippe II, que levou para Madrid ainda outras obras de arte do Paço da Ribeira, principalmente pannos de rás.

Data da execução: 1538–1548, com algumas folhas posteriores. Hollanda trabalhou nas folhas do Codice até 1564, pois numa d'ellas inclue o retrato de Miguel Angelo, com uma inscripção biographica, que indica a data da sua morte: 18 de Fevereiro de 1563 (anno florentino).

Os desenhos são em grande parte feitos á penna, alguns a lapis preto, e muitos a lapis vermelho (17 *sanguina*); duas ou tres aguarellas (fogo de artificio no castello de S. Angelo); e (fol. 13 *v* e 14) não justificam o que allega Tubino: *iluminados muchos* (*sic*), e póde levar alguem a suppor que se trata de illuminuras!

Ha uns cinco desenhos bi-chromicos. A execução é em geral boa, o traço rasgado e caracteristico. Algumas paginas são mui bellas, acabadas com esmero; outras, miudinhas, parecem gravuras á Callot.

Nos assumptos predomina a architectura civil (umas 25 vezes), e a militar (14 vezes); depois a esculptura, uns 32 numeros, contando os fragmentos menores. Não esqueceu os jardins, nem as fontes (4 desenhos), que a Renascença italiana tratou com summa arte, como elementos dependentes da architectura palaciana; correu os campos e subiu aos montes, mostrando-nos o Vesuvio ardente e os Alpes, toucados de neve (Mont Cenis). Emfim, viu e observou os costumes populares, com amoroso interesse, e seguiu com conhecimento de causa e bom criterio por todos os logares que a historia consagrou nos annaes da politica, da litteratura e da arte. Como bom hespanhol (no sentido hispanico do seculo XVI) marcou com vigoroso lapis os logares assignalados pelos triumphos das armas do Imperador sobre Francisco I.

São ao todo 54 folhas e CXIII desenhos, segundo declara a inscripção final, todavia a nossa contagem sae um pouco differente, porque algumas folhas (43, 46 e 48) tem o *verso* em formato duplo;

ha numerosas folhas divididas em duas partes, e uma (35 v) dividida até em tres. Tubino leu erradamente, na *Nota final*, CXIIII (114) desenhos.

O Sr. D. Francisco Maria Tubino publicou em 1876 no *Museu español de antigüedades* (vol. VII, pag. 493–527) uma lista dos desenhos, com uma introducção historica, em que ha pouco a aproveitar. As numerosas emendas, substituições e additamentos feitos á sua lista, na relação completa que damos, depois de um demorado estudo do codice na Bibliotheca do Escurial em 1872 e em 1881, provarão ao leitor português que um trabalho tão superficial não podia satisfazer, e que uma descripção critica do celebre volume se tornava urgente. É a primeira que se publica em Portugal.

Em 1881 confrontámos a relação do Sr. Tubino linha a linha com o codice, receando pela divergencia com as nossas notas de 1872, que nos houvessemos enganado, tão grandes eram as differenças. Infelizmente para o Sr. Tubino os erros pullulam e saltam á vista. Nem uma descripção material, bibliographica, nos deu!

De resto, devemos declarar que a descripção resumida do Sr. Tubino abrange apenas tres paginas; começa no meio da pagina 515 e acaba no meio da pag. 518.

Á introducção historica teriamos de fazer numerosas objecções, que não são para aqui. O seu titulo, assás prolixo, é:

«*El renacimiento pictorico en Portugal* á propósito del Libro de dibujos del pintor lusitano Francisco de Hollanda que se conserba inedito en la biblioteca del Monasterio de San Lorenzo del Escorial; estudio critico-biografico.»

A respeito dos outros auctores hespanhoes que trataram do codice do Escurial fallámos em outro logar (*Edição dos textos do Hollanda*, Porto, 1879, pag. XXXV). Foram D. Antonio Ponz (1772), Cean Bermudez no principio d'este seculo, e Gregorio Cruzada Villaamil em 1863. Ha a accrescentar hoje o continuador de Cean e do seu *Diccionario*, Conde de la Viñaza, Madrid, 1894, 4 vol.

2. Descripção dos desenhos [1]

Fol. 1 r. **RETRATO DO PAPA PAULO III**, em uma moldura oval e a legenda PAULUS III PONTIFEX MAXIMUS. Tanto este retrato como o seguinte de Miguel Angelo tem uma inscripção biographica.

Fol. 2. **RETRATO DE MIGUEL ANGELO**, em uma moldura oval e a legenda MICHAEL ANGELUS PICTOR, ladeada por duas corôas, uma de louros (á direita do leitor); outra de rosas brancas e vermelhas (á esquerda do leitor).

Nacque Michael Angelus negli Anni M.cccc. Lxxiiij. E sene passo di conesta vita | a xvij di febraio l'anno M. D. Lxiij. Etat. sue Lxxxviiij.

O calculo está feito segundo o anno florentino, que começa a 25 de Março. As datas são portanto: 6 de Março de 1475 e 18 de Fevereiro de 1564 (e não 17 de Fevereiro. Hollanda omitte o dia do nascimento).

Fol. 2 v. Desenho de quatro figuras de mulheres e raparigas menores, que representam trajes nacionaes, com os disticos: (1) *Á Francesa.* (2) *Á Lombarda.* (3) *Á Genovesa.* (4) *Á Florentina.* A disposição é a seguinte: 1 em face de 2; por debaixo 3 em face de 4.

Fol. 3. Desenho de outras quatro figuras de mulheres, representando trajes populares: *Á Senesa, Á Romana, Á Napolitana, Á Venezeana.* Disposição semelhante.

Fol. 3 v. Allegoria ao **Imperio romano.** Um guerreiro joven subjugando um leão, um gripho, um cavallo marinho, um genio e um golphinho. Na mão direita sustenta o globo terrestre, na esquerda um pendão, no qual se lê a palavra *POTESTAS.* Á direita d'este desenho vê-se uma outra allegoria: uma mulher (Oriente) amarrada a uma palmeira, com a legenda *Fortuna capta.* Á esquerda outra allegoria e uma Victoria, coroando o guerreiro; sobre a cimeira do capacete d'este último brilha uma estrella. Em um rótulo lê-se:

---

[1] A topographia de Roma, e as outras antiguidades da Italia foram determinadas principalmente com o auxilio das seguintes obras: J. Burckhardt, *Der Cicerone*, 4.ª ed., por W. Bode, Leipzig, 1879; do mesmo Burckhardt, *Geschichte der Renaissance in Italien*, Stuttgart, 1868: é o vol. IV da grande *Historia da Architectura*, de Kugler; A. von Reumont, *Geschichte der Stadt Rom*, Berlin, 1870; em 3 vols., com plantas topographicas, que remontam a 1551; Th. Fournier, *Rom und die Campagna*, Leipzig, 1865; Max Nohl, *Tagebuch einer italien. Reise*, Suttgart, 1866.

Franciscus Hollandius Faciebat; vid. o fac-simile na revista *El arte en España*, pag. 120. Talvez seja allusão a Roma e á Lisboa das conquistas.

Fol. 4. Allegoria á cidade de **Roma**, decaída da sua grandeza. Uma matrona coroada, mas cuja corôa mural está partida, mira-se num espelho; por debaixo lê-se: *Non. similis. sum. mihi;* na parte superior: *ROMA*. Numa meia columna outra inscripção: *Facta. est. quasi. vidva. domina. gentivm. et. non. est. qvi. consoletvr. eam.* Dois genios, voando no alto, levam uma lousa de sepulcro, com o distico: *Cognosce* | *te.* No chão, uma penna, e em torno a inscripção: *Dvlces*[1] | *ex vviedum* | *fata* | *devseve* | *sinebant.*

Nesta complicada allegoria vão incluidas vistas do Panthéão de Agrippa, da Columna Trajana, do Coliseu e de outros monumentos, uma sphinge, etc.

O auctor quiz talvez symbolizar a decadencia de Roma, depois do horrendo saque de 1527. A allusão a Jerusalem: *Facta est quasi vidva*, destruida por Tito (anno de 171 P. C.) é evidente. Miguel Angelo julgava a cidade perdida. Hollanda pensou depois do mesmo modo, com relação a Lisboa, emporio do Occidente: «Ajuntou-se a isto não me responderem Vossas Altezas como esperava, nem os despachadores, e que na cidade ha *iniquitas & contraditio* pelo que estive para romper este livro algumas vezes ou ao menos vendel-o tão caro ao tempo, como fez ao seu último livro a Sybila em Roma, que nunca o quiz dar por menos do que pedia por todos os outros juntos, que tinha queimados, por lh'os não merecer o povo e o senado de Roma». (*Da Fabrica*, pag. 21).

Fol. 4 v. **Rótulo da Cruz**, na basilica de Santa-Cruz: *Imago triumphalis tituli mirificae crucis D. N. Jesu Christi,* | *qualis hodie Romae apud cartusianos intra* | *Basilicam S. Crucis in Jerusalem, seu intra capellam* | *S. Reliquiarum conspicitur, cuius tituli veritatem* | *atque, inventione(m) Bulla Alex. VI. Pap. dati* | *Romae die XXVIIII Mens. Julii plenissime testatur* | *characteres autem in fabre tunc temporis sculptet* | *ut aedis vetustas paulatim losit sed .....brica imagis*[2].

---

[1] A segunda e terceira palavra lêem-se no original: ex vviedem, o que não faz sentido; leia-se *exuviae* = *exuviae* (despojos) *dum* | etc.

[2] A inscripção da Cruz, propriamente dita, parece terminar em *testatur*. Os termos *losit .....brica imagis* (talvez *imaginis*) não se entendem por estarem, em parte, cobertos de tinta de côr (orla de purpura da folha); v. o que dissemos na descripção do Codice.

Fol. 5. Columna salomonica e junto d'ella Christo prègando a dois homens. Tem uma inscripção extensa, que começa: *Haec. est. illa. colũna. in. qva. Dñs.* | *Noster* etc.

Fol. 5 v. Vista do **Colyseu.**

Fol. 6. Vista do **Pantheon de Agrippa.**

Fol. 6 v. Desenho da **Columna Trajana.**

Fol. 7. Desenho da **Columna Antonina.**

Fol. 7 v. Vista do **Capitolio** no tempo do Papa Paulo III. Estátua equestre de Antonino Pio, aliás Marco Aurelio.

Fol. 8. Desenho da **Estátua de Constantino,** com o seguinte rótulo: *Em Barletta a par dandria de Calabria.*

Fol. 8 v. Desenho de **Cleopatra,** dormindo; por debaixo a inscripção: *Romae. Sic. Simulacrum. Reginae. Cleopatrae. In. Hortis. Pontificum.* Foi classificado depois como Ariadne, e ultimamente como Nympha (Reumont, vol. III, parte 2.ª, pag. 396; Lübke, *Geschichte der Plastik,* vol. I, pag. 315).

Fol. 9. Desenho do **Apollo de Belvedere.**

Fol. 9 v. Desenho do grupo de **Lacoonte** (*sic*).

Fol. 10. Desenho de estátua de mulher, com o letreiro: *Romae. in. Palatino. C. S. Georgii* (talvez *in domo Cardinalis Sancti Georgii*).

Fol. 10 v. Desenho de um dos **Cavallos do Quirinal,** e a nota: *Opus. Fidiae.*

Fol. 11. Desenho de outro **Cavallo do Quirinal,** e a nota: *Opus. Praxitelis. in.* | *ex* | *qviliis.*

No verso do desenho d'este segundo cavallo avista-se *Il Castello d. S. Angelo,* scena nocturna das festas celebradas em honra do casamento de Octavio Farnese (vid. *Da Pintura antigua,* fol. 127 v.), a 4 de novembro de 1538.

Fol. 11 v. Allegoria, na figura de uma matrona sentada, que aponta para um livro, sobre o qual pousa um geniozinho, empunhando um archote. Uma tábua, com tres caracteres gregos Ω Φ Σ não nos habilita a decifrar a vaga allegoria. É possivel que symbolize a *Historia,* inspirada pela Verdade; ou pelas lettras, transpondo-as: S.O.PH. (*Sofia* = a Sabedoria).

Fol. 12. Desenho da **Caridade.** Uma matrona com tres crianças e a lettra: *Charitas.* Tubino suppõe que será uma cópia de uma miniatura de Julio de Macedonia (Julio Clovio). No *Dialogo quarto,* em Roma (fol. 153 v), ha referencia a uma illuminura de Clovio com a figura da *Caridade.*

Fol. 12 v. Desenho de figura de mulher, com attributos de caça; no lado a lettra *ANTI* | *NOVI* | (*sic*), em duas linhas sobrepostas;

o *n* está enlaçado com o *t*, e o segundo *n* com o *o*. Tubino faz d'isto: *Estatua del Antinoo.*

Fol. 13. Desenho de um athleta, que suspende um touro no ar; tem a lettra enigmatica *QVA | TAS*. Tubino suppõe ser *Hercules*, juntando porém uma dúvida (?).

Fol. 13 v. e 14. Desenho dos frescos do **Palacio de Nero** em Roma.

Fol. 14 v. e 15. Desenho dos **Tropheus de C. Mario**, depois da sua victoria sobre os Cimbros. Um individuo, que nos parece ser o auctor, está admirando o tropheu. Vide o desenho de fol. 50 v. Tubino não reparou nisto.

Fol. 15 v. e 16. Desenho de **Quatro mascaras** em outras tantas molduras ovaes, e com a inscripção: *Queste maschere antiche sono a Roma in Belvedere.*

Fol. 16 v. Desenho complicado. Na parte superior a lettra: *Romae. juxta. putivm. (sic) Pantheonis.*

Um sarcophago com extensa inscripção no plintho em que assenta; á esquerda um *leão egypcio;* á direita outro leão. Os magnificos leões egypcios, de basalto, passaram pelos annos de 1550–1555 de Santo Stefano del Cacco para a base da Cordonata do Capitolio. Outros marcam a data 1560 para a transferencia. Recentemente houve nova mudança.

Na parte inferior: onze pés differentes, calçados de sandalias, e a nota: *De marmoribus col | lecta.*

A inscripção do sarcophago diz: *Leo. X. pont. max. pro | videntiss. princeps | vas. elegantissimū | ex lapide nvmidico | ne pollvtem negli | gentie sordibus | obsolesceret in | hunc modvm re | pponi exornari | qve jussit (sic).*

Fol. 17. Fol. dividida tambem em duas partes; na superior um Leão e uma cabeça de Minerva. Na parte inferior um baixo relevo: Sileno é conduzido em triumpho bacchico á presença do Deus Baccho e de Ariadne. Tem num rotulo a lettra: *Romae. ex. | vetestabes*[1].

Fol. 17 v. Folha dividida em duas partes: **Cabeça de Marte; Cupido dormindo.** E a inscripção: *In domo Cardinalis Caesii.*

Fol. 18. Desenho de figura, symbolizando a Guerra, triumphando sobre os poderes da terra (?). A figura tem todos os attributos do guerreiro: elmo, capacete, espada. Por debaixo tres rotulos sobrepostos, com os seguintes lettreiros: *Pau. pont. max. | Caesar | Rex.*

---

1 *Vetvs tabes (sic)* não se entende, mas é o que se lê no codice (*vetere tabula?*).

Talvez uma allusão ás tres potencias que se disputavam mutuamente a hegemonia na Italia: Paulo III, Carlos V e Francisco I, em lucta sanguinolenta. Tubino vê em tudo isto a *Estátua de Pasquinus*. Vid. o desenho de fol. 37.

Fol. 18 *v.* Desenho do **Arco de Septimio Severo**; por debaixo o **Arco de Jano** no Velabrum. O segundo é provavelmente o arco *quadrifrons*, de que falla Fournier, pag. 56, e o *Cicerone*, vol. I, pag. 31.

Fol. 19. Desenho do **Arco de Constantino.**

Fol. 19 *v.* Desenho de um belvedere de jardim romano. Tubino imagina um *Circo romano*.

Fol. 20. Desenho do **Arco de Tito.**

Fol. 20 *v.* Desenho de antigualhas, com a inscripção: *In monte caballo, vel quirinali, apellato nunc mesa*[1] | *ferunt ex turre Micaenatis aut templo solis ab haureliano imp. conditum.* São talvez antiguidades achadas no jardim do Palacio Colonna, que occupa parte do terreno, onde se erguia o templo, construido por Aureliano no seculo III.

Fol. 21. Desenho de columna, capitel e architrave corinthio; com a inscripção: *In viminali monte ex thermis Diocleciani herculei imp. in quibus extruendis memorant XL. millia christianor. pluribus annis, in modum servitii habuisse tiranum.*

Segundo a tradição trabalharam nas thermas de Diocleciano, as maiores das onze que a velha Roma possuira, 40:000 christãos. Estas construcções, ou antes, as suas ruinas colossaes eram por isso consideradas sagradas desde o principio da Edade-Média.

Fol. 21 *v.* Desenho da planta do **Templo de Baccho.**

Fol. 22. Desenho do interior do **Templo de Baccho.**

Fol. 22 *v.* Desenho de uma *Columnata* de estylo ionico com ovulos; a inscripção diz: *Apresso di Campidoglio in Roma.* Tubino accrescenta: «Probablemente las colunas de Focas».

Fol. 23. Desenho que representa tres andares de columnas corinthias em ruina. Á direita a inscripção: *Romae,* | *in Regione* | *templi divi* | *Gregori.* Á esquerda: *Septizoni* | *vm* | *sepulcrum Seue* | *ri imperatoris; a* | *septem cingulis* | *vel zonis col* | *lunar.; desũt* | *nunc* | *quatuor supe* | *riores.*

Fol. 23 *v.* Folha dividida em duas partes. Parte superior: Desenho de vinhas, de enforcado, e a nota: *Exordio dalgũas vinhas de Thoscana.*

---

[1] O termo *mesa*, deve ler-se talvez *mensa*; *condito* (?).

Na parte inferior da folha: um grande Vaso, com figuras de relevo; do lado esquerdo lê-se: *daltura tem;* do lado direito: *palmos VI.* Uma inscripção mais extensa declara: *Dizem que antigoamente soya a Cidade de Pisa de encher este vaso de moeda em tributo aos Romanos.*

Fol. 24. Desenho de chaminé antiga, monumental.

Fol. 24 v. Vista do **Foro romano.** Á direita o **Templo de Antonino Pio.**

Fol. 25. Vista das ruinas do **Templo da Paz** em Roma: *Templi vestigia pacis.*

Fol. 25 v. Desenhos de baixos relevos no Capitolio.

Tem á direita a inscripção: *Leonis X. Pon | t. max. quã prestita | francis caste V.I. doc | Iohani, archioni, comitiae | Johani aug. ulgaminio | cos. anno M.DXV. | ex dive martine templo in | hunc que locum addv | tẽ marcvs avre | lius severvs Tr | ivmp. pãr rom. imp.*

Á esquerda: *Sic Ro | mae in | capito | lio | ex. mar | more s | culpta | ad vivvm* [1].

Fol. 26. Folha dividida em duas partes. Parte superior: **Juno Ludovisi,** explendido desenho a crayon vermelho. O Sr. Tubino descobriu uma *Cleopatra* (!).

Na parte inferior um desenho de métas ou marcos. Tres hermas á volta de uma urna, na qual vasa uma fonte. Tem a inscripção: *Simulacra metarvm de lapidibvs, Ro | mae, sic facivndvm, cvravi.*

Fol. 26 v. Vistas da **Basilica de S. Pedro.**—Sepulchro dos Scipiões. E a inscripção: *Sic Romae, ante Beati petri Basilicam | Pinna aenea | & pavones | cernuntur ex sepulchro Sci | pionum, aiunt.* Por debaixo d'esta inscripção uma Esphinge.

Fol. 27. **Estátua de Pyrrho,** em Roma. Provavelmente o *Ares* do Museu capitolino (*Cicerone, Antike Sculptur,* pag. 80).

Fol. 27 v. Folha dividida em duas partes: baixos relevos do **Templo de Baccho.** Na parte superior: *De testvdine. templi. | bacchi. opvs. mesivvm.* Na parte inferior: *Aiunt sepvlchrvm bacchi ex lapide numidico.* Do templo, que é antes a sepultura de Annia Regilla, restavam ainda ha pouco quatro columnas corinthias (hoje egreja de S. Urbano). Vid. fol. 21 v e 22.

Fol. 28. Varios desenhos: uma mascara; uma cabeça de Medusa. Dois faunos encostados a duas pilastras, e no meio: *Marsia svspens. ab Apolone;* allusão ao supplicio dado ao fauno Marsyas por Apollo.

---

[1] É a cópia fiel da inscripção; as primeiras cinco linhas não se entendem.

Em baixo a nota: *In. domo. Car.* | *della valle.* | *ex. marmore. scŭpt*[1]. No palacio do Cardeal della Valle.

Fol. 28 v. A figura de um joven com uma flauta, Marsyas, talvez, de frente e de perfil. **A Venus capitolina.** Um genio (amor?) cavalgando sobre um monstro marinho. No palacio do mesmo Cardeal.

Fol. 29. Figura de **Mercurio**, em dois desenhos, estátua mutilada e estátua restaurada.

Na parte inferior do desenho duas sandalias de bronze, riquissimas, de imperador.

Fol. 29 v. *La Boca de la Verità.* Uma allegoria inintelligivel: uma cabeça (disco) fendida; um joven (o engano?), na figura de um bobo, afasta uma mulher, ornada de diadema. *Romae* | *De* | *Fa* | *bvlla* | *veritatis* | .

O menino da espinha, do Capitolio, *ex aere.*

Fol. 30. Desenho de fragmentos de esculptura: duas cabeças; um fragmento de braço; dois fragmentos de mãos e um pé. Restos do colosso do palacio de Nero, no Capitolio, com a nota: *CXX pedvm.*

Fol. 30 v. Desenho de um Vaso antigo de marmore, em Roma.

Fol. 31. Desenho da figura de **Venus**, saindo do banho.

Fol. 31 v. Desenho do **Elephante de Leão X** (provavelmente o da embaixada de Tristão da Cunha, 23 de Março de 1514. «Carta de Nicolau de Faria a El-Rei D. Manoel: *Corpo diplomatico português*», relações com a curia romana. Lisboa, 1862, pag. 238; Goes, *Chronica*, Parte III, pag. 259 a 263).

O elephante branco de D. Manoel durou apenas dois annos, pois morreu na primavera de 1516. Reumont (vol. III, pags. 81 e 147) assegura que foi desenhado por Raphael, e que lhe consagraram o seguinte epitaphio (pag. 857, notas do vol. III, parte II):

Monte sub hoc elephas ingenti contegor ingens,
Quem rex Emanuel devicto oriente Leoni
Captivo misit decimo, quem romula pubes
Mirata est, animal non longo tempore visum,
Vidit et humanos in bruto pectore sensus.
Invidit Latii sedem mihi parca beati
Nec passa est ternos domino famulariter annos.
At quae sors rapuit naturae debita nostrae
Tempora vos superi magno accumulate Leoni.

---

[1] Devia ler-se *Marsias suspensus ab Apolline.* Na segunda inscripção a palavra *scept*, tem um *l* por cima do *c*.

O formidavel pachiderme tinha pouco antes servido num grotesco cortejo triumphal do poeta jocoso Baraballo de Gaeta, especie de bobo da côrte de Leão X (Reumont, pag. 131). O elephante e o cortejo grotesco (não o *heroico*, de Tristão da Cunha!) mereceu as honras de ser perpetuado pelas mãos do celebre entalhador Giovanni Barile, na porta que communica a Sala della Segnatura com a Sala di Heliodoro, no Vaticano.

Fol. 32. Motivos de *grotescos*, talvez das *Loggie* do Vaticano.

Fol. 32 v. Motivos de ornamentação da **Villa Medici**: differentes mosaicos; a fonte do Elephante.

Fol. 33. Desenhos de estátuas, com a nota: *Romanus puer. Virro* (sic, *vir*) *romanus.*

Fol. 33 v. Vista da **Caverna Egeria**: *Simulacrum. sev. vmbra. spelvncae. aegeriae. nimphae. Concvbinae Numae. Pomp.*

Fol. 34. Desenho de uma Fonte monumental.

Fol. 34 v. Vista da **Gruta de Posilippo** em Napoles.

Fol. 35. Folha dividida em duas partes: Vista da egreja de Santo Antonio de Padua (dos Portugueses): Lembrança de **S. Antonio de Padua**; e a inscripção: *Patavii. ad. basilicã. divi. Antonii. Lesi.*

Em seguida: *ex aere.* Uma estátua equestre (em Padua?) talvez a do Condottiere Gattamelata; e ainda mais abaixo, desenho de fortificações: **Do muro & caua, da cidade de Padva.**

Fol. 35 v. Desenhos (tres) das **Fortificações de Ferrara**: 1. *Do Muro de Ferrara.* 2. *Rio Po.* 3. *Do muro de Ferrara* (outra vista).

Fol. 36. Vista de **Terracina.** Um rochedo guarnecido de fortificações; em baixo a *Via Appia.*

Fol. 36 v. Desenhos de duas **Fortificações de Pesaro** e da planta da fortaleza (obra de tijolo).

Fol. 37. Vista da **Fortaleza de Nizza**—Do porto de Villafranca, *donde Paulo III, e Carlo V, e Francisco foram juntos a fazer paz mais de XXXVIII.* Vid. o desenho de fol. 18.

Fol. 37 v. Vista da *riviera*: **Hv. Trato da Ribeira de Genoa.**

Na parte inferior: **Fortalezza da cidade de Cerzana,** *segnoria de Genoa.*

Fol. 38. Vista de **Gaeta.** *Caeta* (sic). *Hic minterna. fvit. olim.*

Na parte inferior: **Ho passo do Garelhano**—*gaerianus sive liris flevius.* Leia-se: Garigliano, logar da batalha, ganha pelos hespanhoes contra os franceses em 1508, perto de Gaeta.

Fol. 38 v. Vista de **Spoleto.** Aqueducto e Castello.

Memoria da manifica **Ponte de Narne** (em ruinas). Provavelmente a ponte sobre o rio Nera (vid. Nohl, pag. 305).

Fol. 39. Vista: La Rocha (sic) de **Civita Castellana.**

Fol. 39 *v.* Desenho do relogio da **Praça de S. Marcos em Veneza.**

Fol. 40. Desenho do retrato do **Dux Petrus Landus** (o Doge de Veneza).

Fol. 40 *v.* Desenho da **Estatua equestre do Colleoni,** em Veneza.

Fol. 41. *Memoria do Arcenal de Veneza.* | *tem dozentas gales.* | *armas p.ª cẽ mil homens.*

Fol. 41 *v.* Vistas, em duas partes: *Braço do* | *rio. Timavo. braço q̃. vai a Padoa — Traietto de Veneza a Padoa pelo Hadriaticus.*

Fol. 42. Vistas, em duas partes. **De Sam Sebastião de Lepuzca,** detalhes do muro, e córtes. — *O cubo* (fortificações) de **Fonterabia.** No canto, á esquerda: homem e mulher de **Bayona.** No canto, á direita: homem e mulher de **Lepuzca** (Guipuzcoa — Hespanha).

Fol. 42 *v.* Desenho composto de cinco elementos: *a*) «*Parque e citadella da rochetta*» (em Milão?). *b*) Moinhos de vento «*a par de Tolosa*». *c*) *De Lombardia* | *Belforte. d*) *Onde prenderão El Rey. Pauia. e*) *De Lombardia.* A disposição é a seguinte:

a—
b—
c—
d—
e—

Tubino escreveu só: «Rochella (*sic!*), Lombardia. onde prenderon el-Rey. Pavia».

Fol. 43. Desenho da **Porta de Sam Marcos de Veneza** | *Mal feita* | (sic). *Cavallos acabados.* Refere-se aos cavallos de bronze.

Fol. 43 *v.* Vista da **Fortaleza de Salssas.** (Este *verso* é folha dupla).

Vista de **Orvieto** (vista de passaro).

Fol. 44. Desenho do **Pozo de Orvieto**; obra grandiosa de Antonio de Sangallo. Vasari ed. Milanesi, vol. v, pag. 461, e vi, pag. 303; Nohl, pag. 133–134.

Fol. 44 *v.* Vista da «**Quintan de Pesaro,** por fóra» (fachada). É a celebre villa no Monte Imperiale, perto de Pesaro, construida por Girolamo Genga para o Duque de Urbino.

Vista da «**Quintan de Pesaro,** por dentro» (pateo).

Fol. 45. Desenho da **Entrada da fortaleza de S. Elmo em Napoles.**

Desenho de *Merli dela medesima Rocha* (sic).

Fol. 45 *v.* Desenho de um Templo de ordem corinthia, com uma extensa inscripção grega, *em Napoles:* Τιβέριος Ἰούλιος Ταρσὶς Δεὶς καύ-ροις καὶ τῇ πόλει τὸν ναὸν καὶ τὰ ἐν τῷ ναῷ πελαγῶν Σεβαστοῦ ἀπελεύθερος καὶ ἐπίτροπος συντελέσας ἐκ τῶν ἰδίων καθιέρωσεν.

Fol. 46. Desenho de janella: *Dorica.*

Fol. 46 v. Desenho do **Mausoleo de Artemisia**, Rainha de Caria. Vista de estylo jonico, ou antes, janella. (Este *verso* é folha dupla).

Fol. 47. Desenho de janella: *Jonica. Em Genoa.* (Serão as precedentes da mesma cidade?).

Fol. 47 v. Desenho: *Opera. Rustica. de. Fortezze* (fortalezas).

Fol. 48. Desenho: **Arco de Trajano em Ancona.**

Fol. 48 *bis*. Desenho do Tecto da Casa dourada de Nero. Tem a nota: *Palmos LIII por banda.*

Fol. 48 v. A figura de S.ta Maria Magdalena com a caveira; máscara natural ao lado. É um busto sustentado por dois anjos. Com a inscripção: *Caput beatae M. Magdanellae in Sancto Maximino.* (Este *verso* é folha dupla).

Fol. 49. Vista do **Mont Cenis, nos Alpes**: *Do. alpe. de | Mon cinis. | o decer nas ramaças.* Francisco de Hollanda e seus companheiros vem descendo a montanha, no meio das neves, uns a pé, outros sentados em *ramaças,* feixes de ramaria, resvalando pelos declives.

Fol. 49 v. Vistas da Provença; *Il Sasso. dove. Sorga. nasce. dove. Petrarchà scriss. loco. beato.* O rochedo onde brota o rio *Sorgues,* perto da aldeia de Vaucluse, retiro favorito do afamado poeta.

Fol. 50. **Allegoria ao rio Tibre,** marmore celebre do Belvedere, em Roma.

Fol. 50 v. Scena de duello entre cavalleiros. Composição formada por ginetes e peões; no centro luctam dois guerreiros, armados de espadas e hachas de armas. Ao fundo uma paisagem, com a povoação: **Moncallier.** Fóra do quadro vê-se, á esquerda, deitado sobre a relva, um homem que desenha, e o nome *Francisco,* muito provavelmente, o auctor, figura, infelizmente, pouco caracterisada.

Fol. 51. Vistas da cidade de **Pisa**: *O bavtisteiro. e domo. de Pisa,* etc. na seguinte disposição:

a) Baptisterio. *c*) Domo. *d*) Torre inclinada

b) Campo Santo. *e*) a inscripção da Torre.

Fol. 51 v. Desenho da **Capella de Loreto.**

Fol. 52. Vista de **Loreto.**

Fol. 52 v. Vista da **região de Napoles**: *Situs. vbi. conflagratio. Peteolana.* ann. **MDXXXIX.**

Arredores de Napoles, talvez Pozzuoli, Baja. Bahia de Napoles, á vista de passaro.

Fol. 53. Vista do Lago Averno, na Campania, ao Norte da antiga *Cumae*, que segundo Vergilio (*A.* 3, 442 e 6, 118) dava entrada no inferno. O lago, cercado de rochedos abruptos, enche a cratera de um vulcão extincto, que exhala emanações deleterias (enxofre, ammoniaco, chloro). Francisco de Hollanda, apeado do cavallo, aproxima-se da borda do lago fumegante, recommendando cautella a dois criados, que o acompanham. O desenho tem a legenda: *Horrendas. favces. averni.* ann. **M.D.XXXX** men. februa. sic. vidi. et. posvi. Representa a cratera de um vulcão e por baixo: *Lacus avernus.*

Fol. 53 *v.* Vista: **Castello. novo. d. Napoles.**

Fol. 54. Vista de uma Galeria no **Palacio do Cardeal della Valle**, em Roma.

Fol. 54 *v.* Vista do **Amphitheatro de Narbonna.**

3. Emendas á descripção de Tubino

Fol. 1 *v.* T. esquece-se de dizer que tanto o retrato do Papa, como o de Miguel Angelo, tem uma inscripção biographica.

Fol. 2. Não são *duas coronas de laurel*, no retrato de Miguel Angelo, mas sim as que descrevemos. De resto, bastava que T. olhasse para a gravura correspondente, publicada no vol. II da revista *El arte en España*, pag. 115.

Fol. 2 *v.* e fol. 3. São oito figuras de costumes e não quatro; T. saltou o desenho de fol. 3. Deve ler-se *á* (prepos.) *francesa*, e não *a* (art.) *francesa*, etc.

Fol. 3 *v.* Na descripção d'este desenho ha differentes erros e omissões, como se poderá verificar, confrontando a nossa descripção com a de T.

Fol. 4. Maiores erros e ainda mais importantes lacunas encontrâmos na descripção do seguinte. Não percebemos como uma allegoria evidente á decadencia da *vrbs* (basta recordar os dois genios com a lapide do sepulcro) possa ser interpretada como: *Alegoria de Roma demonstrando la universalidad de sus conquistas!*

Fol. 4 *v.* T. omittiu toda a inscripção latina.

Fol. 7 *v.* T. não menciona a Estátua equestre de Antonino Pio.

Fol. 11. T. omittiu: *in* | *ex* | *qviliis.* A vista do Castello de S. Angelo está nas costas do desenho do segundo cavallo, occupando uma folha de lado a lado, que designaremos 11 *a* e 11 *b*.

Fol. 11 *v.* T. não falla da tábua com os tres caracteres gregos.

Fol. 12. *Charitas.* Vide a observação no texto.

Fol. 12 *v.* *Antinoo* (supposto). Vide a observação no texto. Pelo *fac-simile* que tirámos dos lettreiros, não se lê senão o que escrevemos. É possivel que na segunda linha (NOVI) possa ler-se o *v* por um *u*; mas o *i* é que não póde confundir-se com um *s*.

Fol. 13. *Hercules* (supposto). Vide a observação no texto.

Fol. 16 *v.* T. classifica: *Portico del Panteon de Agrippa* o desenho complicado, que descrevemos cuidadosamente. A sua descripção é absolutamente phantastica. Como se póde confundir um poço com um portico? Ou leria T. *porticum Panth.* em vez de *puteum Pantheonis?*

Fol. 17. Falta a descripção do baixo relevo de Baccho.

Fol. 18, Estátua de *Pasquinus*. Não percebemos onde T. foi buscar os elementos para semelhante interpretação! Como se sabe, a estátua de Pasquino, marmore mutilado, sem nariz, sem braços e sem pernas, segundo uns uma estátua antiga de Hercules, segundo outros um gladiador ou um Ajax, está hoje na piazza Pasquino. O pedestal da estátua foi durante seculos o pelourinho no qual a opinião pública se vingava das prepotencias dos magnates, collando nelle as mais pungentes satyras. Defronte de Pasquino estava outra figura, *Marforio*, que formulava as perguntas a que o seu *pendant* respondia. Se Hollanda pretendesse representar Pasquino, havia de desenhar certamente o Marforio.

Fol. 19 r. Vide a observação no texto.

Fol. 20 v. A inscripção latina está mal transcripta e incompleta.

Fol. 21. Não é só columna e capitel, mas tambem o architrave, tudo corinthio. A inscripção latina está muito incompleta.

Fol. 22 v. Vide a observação no texto. A supposição «probablemente columnas de Focas», parece-nos gratuita. As columnas em honra do imperador *Phokas* (levantadas pelo Exarcha Smaragdus em 608) eram de estylo corinthio. Estavam junto á Basilica Julia, onde ainda se conservava em 1865 a última. De resto, Hollanda diz *apresso di Campidoglio*, e não desenhou a estátua de bronze dourado do tyranno Phokas (em cima de uma das columnas) como era indispensavel, se quizesse alludir a ellas.

Fol. 23. Descripção inexacta. Uma das inscripções latinas está incompleta.

Fol. 23 v. A descripção do desenho está toda errada e confusa.

Fol. 25 v. Faltam ambas as inscripções latinas.

Fol. 26. Vide a observação no texto. O desenho das métas ou marcos parece a Tubino uma *Alegoria de la medicina*. Não percebemos! Falta a inscripção latina.

Fol. 26 v. Falta a inscripção latina.

Fol. 27 v. São dois desenhos, e duas as inscripções; faltam ambas.

Fol. 28. T. menciona apenas os Faunos; e omitte, além d'isso, ambas as inscripções latinas.

Fol. 28 v. A figura que suppomos ser Marsyas, é para Tubino um *Pan*, mas não tem os caracteres d'este typo. Indicações incompletas.

Fol. 29. Não menciona as Sandalias de bronze.

Fol. 29 v. Indicações muito incompletas.

Fol. 30. Não especifica os fragmentos de esculptura; nem dá a medida dos restos do colosso (CXX pedvm).

Fol. 30 v. Falta a nota do logar «em Roma».

Fol. 32 v. Diz sómente: *Adornos en la Villa Medicis*, sem especifical-os.

Fol. 33. Escreve *vero romanus*, o que é erro, por *vir*.

Fol. 33 v. T. accrescentou a nota «em Roma».

Fol. 35. Descripção toda errada.

Fol. 36. Descripção inexacta e incompleta.

Fol. 36 v. Descripção inexacta e incompleta.

Fol. 37. Descripção incompleta.

Fol. 37 v. Descripção incompleta.

Fol. 38. Descripção incompleta. Inscripções omittidas.

Fol. 38 v. Descripção incompleta. Inscripções omittidas.

Fol. 41. Inscripções incompletas.

Fol. 41 v. Descripção incompleta. Inscripções omittidas.

Fol. 42. Descripção incompleta. Inscripções alteradas.

Fol. 42 v. Descripção toda errada.

Fol. 43. As explicações dos desenhos de fols. 43, 43 v, 44, 44 v e 45, estão incompletas e pouco claras.

Fol. 45 v. Não sabemos onde T. foi descobrir este templo em Paestum, onde ha apenas os célebres templos de Neptuno e de Ceres e a *Basilica*, com os quaes este de Hollanda nada tem que fazer. A inscripção grega diz claramente que era dedicado aos *Dioscuros:* Castor e Pollux. Eis a traducção fiel: *Tiberio Julio de Tarsos consagrou aos Dioscuros e á cidade o templo e os thesouros do templo* (foi um) *liberto no bando dos clientes de Augusto e prefeito, as despesas pagando da sua fortuna.* É provavel que seja simplesmente o templo do Castor e Pollux no *Forum Romanum*, embora Hollanda diga: *em Napoles.*

T. diz apenas o seguinte: *Templo romano.* Pestum (?).

De resto, bastava considerar que todas as tres reliquias de Paestum são da ordem dorica e que o desenho de Hollanda é da ordem corinthia.

Fol. 46. T. julga ser uma *Puerta de Orden Dorico.* Eu vejo uma janella. Hollanda poz só a nota: *Dorica.*

Fol. 46 v. O desenho que T. classifica como: *II, Puerta Monumental*, parece-nos simplesmente uma *janella.* O Mausoleu de Artemisia é o monumento destruido de Halikarnasso, erguido pela rainha a seu marido Mausolos (d'ahi o nome *Mausoleu*) que morreu no anno 353 ou 351 A. C. Era uma das sete maravilhas do mundo. Ainda existem restos importantes das fundações perto de Budrum; e esculpturas notaveis no Museu Britannico. Hollanda tentou a reconstrucção provavelmente por Plinio (*Nat. Hist.*, 36, 5), que descreve o monumento (Kugler, *Geschichte der oriental. u. antiken Baukunst*, Stuttgart, 1859, vol. 1, pag. 271) indica projectos de reconstrucções, modernos. Vide ainda o estudo de G. Kinkel, *Das Mausoleum von Halikarnassos*, em *Mosaik zur Kunstgeschichte*, Berlin, 1876, pag. 108 e seg.

Fol. 47. T. classifica o desenho como *Puerta, estilo iomico.* É evidente que representa uma janella.

Fol. 47 v. T. intitula o desenho: *Opera rustica, en Florencia* (?), sic!

Não atinamos onde foi encontrar a designação *Florencia.*

Fol. 48 *bis*. T. omittiu a designação das dimensões.

Fol. 48 v. T. não descreve o desenho; cita só o titulo.

Fol. 49. T. não descreve o desenho, que é um dos mais interessantes, dizendo simplesmente: *Vista del Montcenis, en los Alpes.*

Fol. 51. Descripção incompleta do desenho.

Fol. 52 v. Descripção muito incompleta; falta a inscripção.

Fol. 53. Não descreve o desenho, transcrevendo e interpretando a inscripção erradamente. O dizer *sic. vidi et posvi* transforma T. em *secundi vidi posui* (!). A situação do lago não é junto a Napoles, mas sim ao norte da localidade, chamada hoje Baja. Agrippa, em tempo de Augusto, regularisou as florestas que circundavam o lago, e mandou construir um tunnel, que ia até Cumae, o qual punha em communicação o lago Lucrino com o mar. A erupção de um vulcão junto a Montennovo destruiu o tunnel. É possivel que a *conflagratio Puteolana* (referida a Pozzuoli, localidade tambem proxima) do anno de 1539, a que Hollanda se refere, seja essa erupção vulcanica.

Porto, Dezembro de 1895.

Joaquim de Vasconcellos.

Estudos numismaticos

Casa da moeda em Beja — Exploração de minas de cobre e azougue — Cunhagem de ceitis no tempo de D. João III

Diz o nosso amigo e collega Dr. Teixeira de Aragão, na sua excellente *Descripção geral das moedas* (t. 1, pag. 59), que no reinado de D. João III apenas tivera conhecimento de haverem funccionado as casas da moeda de Lisboa e Porto, e na Asia as de Cochim e Goa.

A paginas 63, escreve o seguinte periodo:

«Em algumas terras do reino existem ruas chamadas da *Moeda*. Attribuimos este facto á lei e regimento de fevereiro de 1642, que mandou carimbar as moedas de prata que tivessem o pêso, estabelecendo officinas: *na cidade do Porto, para a provincia de Entre-Douro-e-Minho; na de Miranda, para a de Trás-os-Montes; nas villas de Trancoso e Castello-Branco, para a da Beira; na cidade de Coimbra e villa de Thomar, para a da Extremadura; nas cidades de Evora e Beja, para o Alemtejo; e na cidade de Tavira, para o Algarve.*»

E em nota a este paragrapho observa:

«Em Beja existe, proximo da praça, uma *rua da Moeda*, chegando alguem a affirmar-nos, sem dizer o fundamento, haverem alli sido cunhados os *espadins de ouro* de D. João II, e que os exemplares d'esta moeda sem lettra monetaria deviam ser attribuidos a esta officina.»

Dos trechos que acabamos de transcrever se deduz que o illustre numismatico não admitte a existencia de uma fabrica da moeda em Beja, a não ser accidentalmente e com um fim muito secundario, como o da carimbagem, e que no reinado de D. João III só se cunhara moeda, no continente, em Lisboa e no Porto. Ora nós encontrámos documentos, pelos quaes se prova que aquelle monarcha auctorisára em Beja a cunhagem de ceitis de cobre, facto e documentos até hoje ignorados dos que tem tratado da materia.

Ruy Lopes, do conselho de D. João III e vedor da casa real, tinha obtido licença para descobrir minas de azougue e cobre na cidade de Beja e seu termo, e, como a exploração d'estas minas lhe acarretaria grande despesa, el-rei lhe concedeu que elle, do cobre que tirasse, podesse mandar lavrar moeda de ceitis em uma casa que mandaria fazer de muros a dentro d'aquella cidade.

As condições eram as seguintes: que elle não pagaria, em sua vida, nenhum direito da moeda que lavrasse; que os officiaes empregados neste mistér seriam equiparados aos da casa da moeda de Lisboa; que a mercê seria só durante a vida de Ruy Lopes, e que,

COMISSÃO PROVINCIAL ... GRA...

por seu fallecimento, el-rei tomaria conta da casa, com todos os apparelhos, pagando tudo aos herdeiros pelo preço que valesse ao tempo da avaliação.

O respectivo diploma foi assignado em Evora a 8 de setembro de 1524. Dois dias depois era-lhe passada carta identica de privilegio para a exploração de uma mina de azougue na mesma localidade. O concessionario ficaria isento do pagamento de direitos reaes e por sua morte a propriedade da mina passaria para seus successores e herdeiros. Se ella produzisse tanto azougue que bastasse para o tracto da India e consumo do reino, ninguem mais poderia explorar mina identica sem consentimento do mesmo Ruy Lopes. Os que de alguma fórma contrariassem a concessão pagariam vinte cruzados de ouro, sendo metade para os captivos e outra metade para o concessionario.

Uma objecção se offerece e é se o privilegio concedido a Ruy Lopes chegaria a ter realidade. É de suppor que sim, attendendo á importancia da pessoa e á importancia da concessão. O védor da casa real não tentaria tão lucrativa empresa sem contar preliminarmente com os bons resultados d'ella. Em todo o caso, é um facto que convem seguir e estudar convenientemente, consultando os archivos locaes, que necessariamente devem fornecer alguns subsidios para resolver o problema. Beja, que já possue um museu archeologico de bastante valor, deve ter todo o empenho em verificar e confirmar se effectivamente se fabricou alli moeda.

Quem sabe se um exame mais profundo e comparativo dos ceitis de D. João III não nos viria indicar quaes foram aquelles que se cunharam na historica *Pax Julia*?

E, sendo assim, com quanto afan não procuraria o museu de Beja exhibir alguns d'esses exemplares!

Damos em seguida os documentos comprovativos:

«Dom Ioham &c. a quamtos esta minha carta virem faço saber que Ruy Lopez, do meu conselho e veador de minha cassa, me disse que eu lhe tinha dado licença para descubrir em termo de minha cidade de Beya hũa mina dazougue e cobre, e por quamto no descubrimento da dita mina e tirar dos metaes dela avia de fazer muyta custa e despesa, me pedia que lhe dese licença que do dito cobre podese mamdar laurar moeda de ceitis na dita cidade, em hũua cassa que pera yso ordenara, e fara a sua custa e despesa, e avendo eu respeito ao que o dito veador Ruy Lopez me asy dise e pidio e a muita despesa que ade fazer no que dito he, e aos muitos serviços que delle tenho recebidos e ao diamte espero receber, e por niso lhe fazer graça e

merce, tenho por bem e me praz lhe dar licença pera que ele posa fazer na dita cidade de Beya, dos muros a demtro, hũa cassa em que aja hoficiaes ordenados, que laurem o dito cobre em ceitys, e esto do cobre que ele tirar ou mandar tirar da dita mina que asy descubrir, e em sua vida nã pagara do que asy laurar nenhum direito e tudo sera lyure e eysemto, sem do que asy laurar pelos ditos oficiaes pagar cousa algũa, e os oficiais que na dita casa ouverem de laurar, que seram aqueles que me parecer que abastaram pera lauramento do dito cobre, segumdo a cantidade que for e da dita mina tirar, e as que lhe asy eles nom tiram os pryuilegios que sam dados aos moedeiros da moeda de Lixboa. E porem o notifyco asy ao corregedor desta comarqa e ao meu comtador, juiz e oficiais da dita cidade, e lhe mamdo que lhe deyxem ordenar ao dito Ruy Lopez a dita cassa pera lauramento da dita moeda de ceytys e lhes deyxem laurar do cobre que da dita mina tirar e lhe nom ponhom sobre yso duvyda nem c̃barguo algum, por que asy e minha merce. E por quamto esta merce, que ho dito Ruy Lopez faço, ade vsar dela em sua vida somente, prazme que per seu falycymento lhe mandar tomar a dita casa e aparelhos que teuer pera lauramento da dita moeda e lhe mãdarey pagar a seus erdeiros o que tudo valer ao tall tempo per avaliaçam que se diso fara. Dada em Evora a biij dias do mes de setembro. — Amdre Dias a fez — de mill b^{os} xxiiij. E eu Demiam Diaz o fiz escrever.»

(Torre do Tombo, Chanc. de D. João III, *Doações*, liv. 37, fol. 128 v.)

«Dom Joham &c. A quamtos esta minha carta virem faço saber que Ruy Lopez, do meu conselho e veador de minha casa, me dise que em termo de minha cidade de Beya avya muytas minas, que elle a sua custa querya buscar hũa, de que podese tyrar azouge, de que se poderya seguir muyto proueyto em meu Reyno, pedimdo-me que pera iso lhe dese licemça, e avemdo eu respeito a ser nobrecimẽto do Reyno descobryremse as ditas mynas, e aver nelle os ditos metaes, e por nyso lhe fazer graça e merce, me praz lhe dar licemça, e de feito por esta lhe dou, pera que elle posa abryr na sua terra, ou em qualquer outra do termo da dita cidade, a sua custa, a dita myna dazouge, do qual elle em sua vida me nam pagara nenhuũ direito que se nella achar, e achamdo a dita myna em terra dereos pagara a seu dono o dano que se na dita terra fezer e semdo terra do comcelho nom pagara cousa algũa, saluo remdemdolhe algũua cousa, por que emtam se estimara a perda que por yso receber na dita reemda e lho pagara, a qual myna que asy descobrir por seu falecimento ficara a seus erdeiros e sobsesores pera sempre, pera se della aproueitarem

como de cousa sua, por se asy descobryr a sua custa e despesa, e asy me praz que, descobrymdo elle a dita myna e avemdo nella tamto azouge que abaste pera o trato da Imdia e despesa do Reyno, que se nam posa abryr outra nenhũa do dito azouge sem licemça do dito Ruy Lopez e de seus herdeiros, nem eu nem os Reys destes Reynos que despois pellos tempos forem e poderam mamdar abryr nem dar licença a nenhũa pesoa que abra, e esto em quãto na sua mina ouuer o dito azouge em abastamça. Notefico asy aos juizes e oficiaes da dita cidade e ao comtador della, e lhe mãdo que lhe nom ponham duuida nem embargo no abrimẽto da dita myna, amtes lhe dem e façam dar pera yso toda ajuda e fauor que lhe comprir e lhe dem homẽs, bestas, carros, carretas, e toda outra cousa que lhe comprir pera maneo e seruiço da dita myna, todo por seus dinheiros pello estado da terra, porque eu o ey asy por bem e meu seruiço, sob pena de qual quer que ho asy nom comprir pagara vimte cruzados douro, ametade pera os catiuos e a outra pera elle dito Ruy Lopez. E esta carta sera registada no liuro dos comtos da dita cidade pera se saber como lhe asy tenho feita esta merce. Dada em Evora a x dias de setembro. Amdre Diaz a fez de mill b^{os} xxiiij.»

(Torre do Tombo, Chanc. de D. João III, *Doações*, liv. 37, fol. 128 v.)

O Bejense, de 29 de Fevereiro, subministra-nos alguns esclarecimentos curiosos sobre o assumpto, colhidos nos archivos locaes, e que nos parecem demonstrativos de que effectivamente se realizou em Beja, no reinado de D. João III, a cunhagem dos ceitis de cobre.

«A fls. 124 do livro 1 do *Reziste da camera*, acha-se transcripto o alvará para Ruy Lopes, conselheiro de el-rei e vedor da sua fazenda, poder fazer naquella cidade mil quintaes de cobre em ceitis comprados do seu dinheiro pela bitola e peso da cidade de Lisboa, mettendo para lavrar a dita moeda até quarenta pessoas no anno de 1525.

Na mesma folha está a procuração que o sobre-dito Ruy Lopes deu a João Samorano para fazer a casa da moeda dos ceitis e abrir as minas de cobre e azougue em 1525, e o termo de juramento que a camara deferiu ao dito Samorano e ás pessoas que elle apresentou para trabalharem.

A fl. 127 do mesmo livro se lê o alvará para Duarte Lopes poder abrir cunhos para os ceitis que Ruy Lopes mandasse lavrar nesta cidade e não para outra moeda. 1525.»

Já depois de composto este artigo encontrámos na Torre do Tombo outro documento, que lança nova luz sobre a materia, e que demonstra que a empresa monetaria de Ruy Lopes se espacejou bastante, porque

só sete annos depois dos documentos citados pelo *Bejense* e oito depois das cartas de privilegio é que elle era auctorizado a mandar fazer, em Lisboa ou em qualquer outra parte do reino, um *martinete* para lavramento do cobre. Eis aqui a interessante carta a este propósito:

«Dom Joam &c. faço saber a quamtos esta minha carta virem que querendo eu fazer graça e merce a Ruy Llopez, do meu conselho e veador de minha casa, tenho por bem e me hapraz de lhe dar lugar, como de feito per esta dou, que elle posa mandar fazer nesta cidade, ou em quall quer outro lugar d'este reyno que quiser, hum martinete pera nelle se laurar cobre, e ey por bem que nenhũa outra pesoa posa mandar fazer outro allgum martinete pera laurar o dito cobre, sob pena de o perder pera o dito Ruy Llopez, e mando a todos meus corregedores, juizes, justiças, a que esta carta for mostrada e o conhecimento della pertencer, que inteiramente o cumprão e guardem como se nella conthem. Manoell de Moura ha fez em Lisboa a xxbij dias dagosto do anno do nacimento de nosso Senhor Ihũ Xpo de ĵb^{o} xxx ij annos, e ao pe da dita carta esta hũa postilla, que diz asý: o quall martinete ey por bem, por fazer merce ao dito Ruy Llopez, que fique a seus herdeiros e que elles ho tenhã e que nenhũa outra pesoa o posa fazer pera laurar nelle o dito cobre, sob pena de ho perder pera o dito Ruy Llopez ou seus herdeiros. Manoel de Moura o fez em Lixboa a xxbiij de setembro de ĵb^{o} xxx ij.»

(Torre do Tombo. Chanc. de D. João III, *Doações*, liv. 18, fol. 99.)

Nem no *Elucidario* de Fr. Joaquim de Santa Rosa de Viterbo nem no *Diccionario* de Moraes encontrâmos a palavra *martinete* na significação de engenho para fabrico de moeda. Até pelo lado philologico tem valor o documento[1]. Ao nosso amigo e illustre auctor da *Descripção das moedas* lembramos a conveniencia de inserir no ultimo volume da sua obra, tão ansiosamente esperado, um vocabulario technologico da especialidade.

Sousa Viterbo.

---

[1] [Já que o Sr. Dr. Sousa Viterbo com todo o fundamento chama a attenção para o valor philologico do documento transcripto, juntarei aqui uma breve nota. A palavra *martinete* corresponde a franceza *martinet*, que se encontra sob a fórma *martinetus* no *Glossarium mediae et infimae latinitatis*, de Du Cange. A palavra tambem existe em hespanhol: «*martinete* se llama ..... el mazo que mueve el agua, para batir el cobre en los molinos fabricados á este fin: y tambien se llama assi el mismo molino», diz o *Diccion. de la leng. castellana*. O etymo está de certo num derivado do radical do lat. martulus «martellinho».—J. L. de V.]

Sepulturas antigas, descobertas em Beja

a) Lê-se n-*O Bejense* de 15 de Fevereiro de 1896:

«A camara recebeu para o seu museu: Do Sr. José Pereira, seis tijolos com signas, que forravam uma das paredes lateraes de uma sepultura encontrada no rocio de Ao-Pé-da-Cruz, sabbado último. Os tijolos, grossissimos, emmalhetam uns nos outros, e na caixa, que forravam, appareceram ossos que se desfizeram ao receberem o ar.

A sepultura tinha a cabeceira para o Norte, era cavada na rocha e forrada de tijolos. Não é novo isto. As sepulturas que appareceram na rua Nove de Julho, quando se construiu a casa onde hoje está a agencia do Banco de Portugal, eram como as de Ao-Pé-da-Cruz.»

b) Lê-se no mesmo jornal, de 22 de Fevereiro:

«No rocio de Ao-Pé-da-Cruz, em excavações a que está procedendo o Sr. Ignacio Gomes, appareceu uma sepultura aberta na terra. É forrada de pranchas de marmore, e identica á que o mesmo senhor offereceu ha tempos para o museu. As suas dimensões são as seguintes: comprimento das paredes lateraes, 2 metros; altura, 0m,70; cabeceira, largura, 0m,50; altura, 0m,70; fundo e tampo, largura, 0m,55; comprimento, 2 metros. O tampo assenta sobre tres varões de ferro. Os ossos estavam desfeitos, por assim dizer.»

J. L. de V.

Informações archeologicas colhidas no «Diccionario Geographico» de Cardoso

48. De Antas de Penalva (Beira)

«O nome de Antas parece se tomou das muitas que ha por esta terra, as quaes constão de duas pedras, huma dellas que serve como de pés, e outra em cima como mesa, em que dizem se fazião antigamente sacrificios gentilicos; e desta fórma vemos muitas em outras partes d'este Reyno, principalmente na Provincia da Estremadura, e na do Alemtejo no territorio de Evora». (Tomo I, pag. 503.)

49. De Aramenha (Alemtejo)

«Junto ao rio Sever, distante da Igreja do Salvador hum tiro de mosquete estão os alicesses, e vestigios da Cidade da Armenia, já muito

arruinados, porque apenas se conhecem alguns; a qual, segundo delles se mostra foy populosa pela distancia que se está vendo dos edificios». (Tomo I, pag. 517.)

50. De Arca (Beira)

«Ha junto da Igreja huma como mesa, ou altar que consta de tres pedras postas ao alto, e de huma grande lagem, que tem quinze palmos de vão, e vinte de comprimento, a qual corre sobre as tres, que estão levantadas: os moradores lhe chamão *Arca*, ... e deste feitio ha outras muitas em toda a Provincia da Beira, a que dão o nome de Antas». (Tomo I, pag. 520.)

A. Mesquita de Figueiredo.

Antiguidades romanas de Balsa

1. Statera

Nos terrenos do littoral, e em parte das serras do Algarve, encontram-se verdadeiras minas archeologicas.

Segundo Estrabão, Plinio, Ptolemeu e outros escriptores, diversos povos antigos habitavam o territorio comprehendido entre a foz do Anas (Guadiana) e o Promontorio Sacro (Cabo de S. Vicente). Effectivamente nas excavações por ahi feitas, alem de utensilios prehistoricos de pedra, cobre e bronze, tem-se descoberto muitos vestigios romanos. Tambem se encontram, de epochas posteriores, vestigios arabes, principalmente por Silves.

Do rio Gilão, que corta a cidade de Tavira, do sitio chamado das Quatro Aguas, parte um canal que vae passar por Santa Luzia, Fuseta, Antas, Torre de Ares e Olhão, terminando nos esteios de Faro. Por estas margens tem-se descoberto innumeros objectos da civilização romana, como tanques construidos de rija argamassa (*opus signinum*), sendo alguns forrados de mosaico, e bem assim moedas, vasos de vidro, de barro, e varios utensilios de metal e de pedra, de uso domestico.

Eram estes sitios habitados pelos povos chamados Balsenses, sendo, talvez, o logar principal, designado por Balsa, que lhe deu o nome, na Torre de Ares (perto de Tavira), onde se tem encontrado restos de construcções mais grandiosas, como columnas de fino marmore, um extenso cemiterio, piscinas de mosaico, etc.: o que combina com o

Itenerario de Antonino, que diz achar-se Balsa a cinco leguas de *Aesuri* (Ayamonte ou Castro Marim) e a quatro de Ossonoba (Faro), distancias que existem hoje muito aproximadamente entre a Torre de Ares e Ayamonte ou Castro Marim, e a capital do Algarve.

Entre os varios objectos que reunimos durante a nossa residencia na cidade de Tavira, figura a *statera*, vulgarmente chamada «balança romana», encontrada na Torre de Ares e copiada na gravura junta. É de cobre; compõe-se de uma haste de 0m,19 de comprido; de cada lado tem duas superficies, divididas por espaços iguaes com riscos verticaes (*puncta*). Numa das faces apresenta, de cinco em cinco riscos, um maior e mais fundo. Na outra face tambem tem marcação, um pouco apagada, sendo os riscos distanciados entre si um centimetro; no meio tem outro risco mais curto, e intercalados um V e um X. No extremo

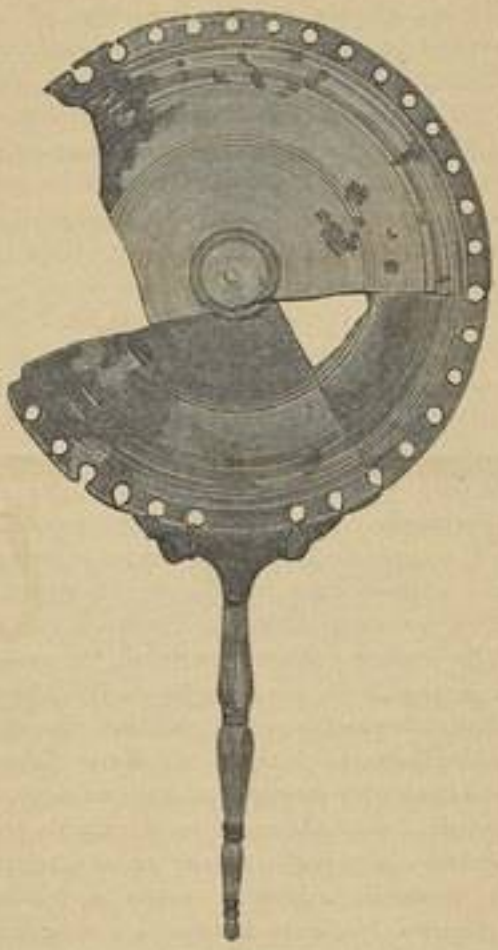
da haste estão em sentido inverso duas argolas lisas, presas em eixos, as quaes seguram dois ganchos: o mais central e mais fechado servia para se suspender; no outro do extremo da haste, que ficava voltado para baixo, era onde se pendurava o objecto que se queria pesar. No comprimento da haste, marcada com a escala dos riscos, collocava-se o *aequipondium*, que designava o equivalente do peso.

Nos museus existem variados especimes de balanças romanas, algumas com primoroso trabalho artistico; o exemplar que acabamos de descrever é dos mais simples que conhecemos, mas obedece ao mesmo systema mechanico.

2. Speculum

A estampa n.° 2 representa um espelho (*speculum*), encontrado nos terrenos das Antas, que confinam com a propriedade da Torre de Ares. É de metal branco, composto de uma liga de cobre e estanho

polido; uma das faces da parte circular é lisa e ligeiramente convexa, na oria tem como ornato uma serie de furos a distancias regulares, e no bordo prende-se um cabo (*capulus*) com o comprimento de 0m,125 para o segurar. Na face posterior, como se vê no desenho, represen-



tou-se como ornamentação uma serie de circulos concentricos. O diametro é de 0m,16.

Esta peça foi encontrada inteira, bem como outra analoga, embora menor e mais simples; mas os trabalhadores, que as descobriram, despedaçadaram-nas para verificarem se seria de prata.

A. C. Teixeira de Aragão.

Bibliographia

Inscripções e lettreiros da cidade de Braga e algumas freguezias ruraes, por Albano Bellino, Porto 1895, xv–182 pag.

Novel ainda nos estudos archeologicos, não quis o Sr. Albano Bellino apresentar o seu livro ao público sem o fazer acompanhar de uma CARTA-PREFACIAL do Sr. Pereira Caldas, professor bracarense. Esta CARTA-PREFACIAL não passa porém de um cerzido de indicações bibliographicas sem alcance, e de umas futilidades sobre a differença entre *amor da patria* e *patriotismo*. Melhor fôra que tal prologo contivesse observações geraes a respeito das inscripções, da classificação d'estas e da sua utilização para o conhecimento da historia da cidade. Algumas das indicações bibliographicas referem-se a obras que o proprio Sr. Bellino já conhece e cita! O Sr. Bellino é discipulo fervoroso do Sr. Caldas, a ponto de lhe imitar intimamente o estylo, como se vê, por exemplo, a pag. 10, 67, 89–91, 134–135, etc. Sem deixar de reconhecer que o Sr. Caldas possue bastantes conhecimentos, embora avulsos e antiquados, sobre differentes ramos das sciencias historicas, não devo occultar que lamento que o Sr. Bellino, que é ainda moço, e principia agora a trabalhar, tome para guia e modêlo a quem não está no caso de lhe dar verdadeira orientação mental.

Ao prefacio segue-se uma introducção do auctor, vaga e desconnexa, á cêrca das antiguidades de Braga. O que se diz da epocha romana é incompleto e muito superficial. Da epocha pre-romana nem se falla. A pag. 2–3 a inscripção de Isis não está fielmente traduzida. A pag. 4 escreve o Sr. Bellino: «Segundo o crédulo Fr. Bernardo de Brito, os barbaros do Norte, Wandalos, Alanos e Suevos, invadiram as Hespanhas no anno de 412». Ora, se Brito é *crédulo*, porque o cita? Alem d'isso a citação era inutil, pois a noticia da invasão dos Barbaros não provém originariamente do famoso monge alcobacense. E como é que se justifica a data de 412? Pois o que diz Idacio no *Chronicon* é o seguinte: «Alani et Wandali et Suevi Hispanias ingressi aera CCCCXLVII[1]», o que corresponde ao anno de 409. — Continúa o Sr. Bellino: «Ficou Braga então sob o reinado do rei suevo Hermenerico, de que fôra segundo successor Theodomiro, e Miro o terceiro, se é que não são os dois um só e o mesmo personagem». Mas isto é inexacto. Theodomiro não foi o pri-

[1] *España Sagrada*, IV[2], 351.

meiro successor de Hermenerico: entre os dois monarchas ha ainda sete, afóra os que se não conhecem dos annos de 468–550. De mais a mais, Miro e Theodomiro são dois reis distinctos: o primeiro era filho do segundo, e começou a reinar em 569. Em qualquer livro sobre os Suevos póde ver-se confirmado o que aqui aponto summariamente. Mas, alem d'estas incertezas chronologicas, o Sr. Bellino contradiz-se a pag. 167, em que considera sem hesitação Miro como successor de Theodomiro!

Passarei agora ás inscripções. Digo apenas *inscripções*, porque não vejo qual é a distincção que se pretendeu estabelecer entre *inscripções* e *lettreiros*.

As inscripções colleccionadas no corpo do livro referem-se apenas á Idade-Média e aos tempos modernos. Isto não resalta do titulo.

Uma das inscripções mais interessantes é a wisigothica do sec. VII, publicada a pag. 85, e corrigida no *Boletin de la Real Académia de la Historia de Madrid*, XXVIII, 269, na qual se indica o dia da semana *secunda feria*.

O Sr. Bellino acompanha as inscripções de noticias historicas á cêrca dos edificios ou monumentos em que ellas se encontram. Infelizmente, porém, o auctor nem sempre dá as devidas indicações bibliographicas. Tambem é para sentir que as inscripções não tragam commentarios criticos; esta ausencia de notas faz que muitas vezes não saibamos se certas incorrecções ou incoherencias que se observam nas inscripções são devidas aos gravadores d'ellas, ou ao Sr. Bellino: por exemplo, a pag. 64, lê-se ASSVMPTA EST MARIAM CAELVM, quando, em vez de MARIAM, o sentido pede MARIA IN, estando M por IN; a pag. 172 lê-se AC CEDE em vez de ACCEDE, e DE FLVIT em vez de DEFLVIT[1]; a pag. 173 lê-se NEQUTIA em vez de NEQUITIA. A quem attribuir taes faltas? Analogas observações suggerem as inscripções de pag. 21, 47 e outras. Eu podia propor algumas explicações que me occorreram, mas, visto que o exame dos proprios monumentos se torna facil, mais vale recorrer a elles do que a hypotheses. A inscripção do tumulo do infante D. Affonso, filho de D. João I, inserta a pag. 20, não está já toda, como tive occasião de ver, quando estive em Braga em Fevereiro p. p.; o Sr. Dr. José Machado, que conhece todas as antiguidades de Braga, foi quem me chamou a attenção para este

[1] O auctor da inscripção quis dizer, fallando de uma fonte: *defluit unde vide*; comtudo melhor latim seria: *defluat unde vide*.

facto, na occasião em que visitei, em companhia d'elle, a capella de S. Pedro de Rates. Na inscripção de pag. 22 lê-se DESIDES ALTISSIMVS; mas na pedra está DESIDERATISSIMVS; tambem na mesma pedra se lê DIOECESEOS (estando o O enlaçado com o E), e não DIÆCESEOS, como traz o Sr. Bellino. O último facto é sem importancia; deve, porém, em livros d'estes, ser-se o mais rigoroso possivel. A pag. 58 o auctor transcreveu *doutor* em vez de *doctor*, e *tudo* em vez de *todo*, pois em português antigo escrevia-se ás vezes *doctor* e dizia-se *todo* por *tudo*; o Sr. Bellino não póde allegar que desejou dar á transcripção fórma moderna, pois a par escreveu *madre* e *repairou*, que são fórmas antigas.

As inscripções estão dispostas com pouca ordem; o auctor podia ao menos ter addicionado ao livro mais dois indices, um chronologico, outro methodico, o que facilitava a consulta, e mostrava melhor o valor d'estes estudos.

No emtanto o livro, tal como está, contribue para o conhecimento da historia de Braga. Não obstante os reparos que fiz, e que espero que o Sr. Bellino acceite de boa mente, por serem francos, este merece elogios pela sua tentativa.

*

Revista de Sciencias Naturaes e Sociaes. Vol. IV, n.º 14.

Com relação a archeologia contém os seguintes artigos: *Necropole prehistorica da Campina nas vizinhanças de Faro*, por Santos Rocha; *Materiaes para a archeologia do districto de Vianna*, por F. Martins Sarmento. Farei aqui a súmmula dos dois artigos.

1. Necropole da Campina (Faro)

Esta necropole da idade do cobre foi descoberta, e em parte explorada, pelo Sr. Santos Rocha. Elle estudou tres sepulturas, que distavam entre si menos de dois metros; mas a necropole consta de mais outras, que o illustre archeologo pensa ainda explorar; alem d'isso outras sepulturas foram já destruidas pelos amanhos: do que se vê que a necropole era vasta. Esta necropole ficava numa planicie. As sepulturas não eram quadradas; uma d'ellas media de comprido $1^m,20$ num lado, e $0^m,90$ noutro, e de largura $0^m,80$ a 1 metro; e os supportes eram de altura inferior a $^1/_2$ metro; as tampas não estavam já completas: vê-se que estas sepulturas são do typo das *cistas*. Orientação de uma NO. a SE.; de outra NS. Dos cadaveres enterrados nas sepulturas ainda restavam os esqueletos. O modo da inhumação era

muito interessante: a julgar dos factos observados numa sepultura, e não contraditos pelos factos observados noutras, os cadaveres tinham sido deitados de cocaras,— rito já verificado em várias necropoles prehistoricas. Com os esqueletos encontrou-se algum mobiliario: vasos de barro grosseiro, analogo ao da necropole neolithica da Serra do Cabo Mondego; e objectos de cobre puro. No campo tinham sido já encontrados, durante os trabalhos agricolas, diversos objectos de metal, que ainda não foram analysados chimicamente, mas que talvez tambem sejam de cobre; e uma pequenina placa de ardosia com dois orificios. O Sr. Santos Rocha espera continuar posteriormente as explorações, a fim de assentar melhor a deducção que dos factos agora colligidos tirou; esta deducção, se por um lado mostra que tem de se modificar algumas ideias geraes emittidas por Estacio da Veiga, por outro lado confirma a existencia de uma idade de cobre em Portugal, com tanto calor proclamada pelo mallogrado patriarcha da archeologia do Algarve.

2. Antas do districto de Vianna

a) *Antas do monte de Santo Antão.*—Neste monte existem duas mamôas, de uns vinte e dois passos de diametro: uma d'ellas, sem nome; outra denominada «Poço da Chã» ou «Cova do Armada». Na primeira já não havia nenhuma das pedras da anta; na segunda havia ainda a galeria. Numa nota diz o Sr. Sarmento: «A galeria póde ser descoberta, ou coberta, segundo se lê em algumas descripções. Eu nunca vi nenhuma que não fosse descoberta, e receio muito que nas galerias cobertas tenhamos novo equivoco». A este receio posso observar que tambem já tenho visto antas com galerias cobertas. Uma particularidade da galeria da anta do «Poço da Chã» era ser ladrilhada á entrada; já noutras antas portuguesas tem sido reconhecida a existencia de ladrilhos, e eu mesmo os tenho encontrado tambem. Numa das pedras da anta viu o Sr. Sarmento duas *covinhas*, que tinham de diametro de duas a quatro pollegadas, e de profundidade um terço d'este diametro.

b) *Antas em Rubiães* (*Paredes de Coura*).—Perto do logar de Antas havia tres mamôas que continham porém só algumas das pedras do monumento que primitivamente encerrára. Estavam dispostas em linha quasi recta, distando entre si respectivamente cem e duzentos metros.

Como conclusão do artigo apresenta o Sr. Martins Sarmento as seguintes interessantes considerações: «No Minho (para me limitar ao que conheço melhor) ainda não encontrei uma só anta sem mamôa;

e não comprehendo mesmo que pudesse haver antas descobertas, salvo se algumas tinham outras serventias que não a de monumentos sepulcraes, — o que tem sido sustentado, mas com razões muito ambiguas» (pag. 102).

J. L. de V.

Extractos archeologicos das «Memorias parochiaes de 1758»

Por tres occasiões no nosso país a classe parochial prestou em commum relevantes serviços, informando os poderes superiores sobre o que havia de mais notavel nas respectivas freguesias.

A primeira vez foi numa data poucos annos anterior a 1747, e sobre as memorias diversas remettidas pelos abbades, priores, curas, vigarios, etc., formou o P.e Luis Cardoso, a pedido de quem se executou esta obra meritoria, um trabalho que ficou incompleto, devido ao terremoto de 1755, escapando só o que já estava impresso [1].

Não desanimou o oratoriano, e em 1758 tinha outra vez em seu poder abundante material colhido como o acima mencionado, o qual comtudo não chegou a coordenar. Esta grande collecção conserva-se manuscripta no Archivo Nacional [2], e d'ella se aproveitou João Maria Baptista para a execução da sua importante *Chorographia*, impressa em 1874 e 1879, dotada, porém, de indice pouco claro.

Em 1862 procedeu-se a novo inventario de cousas notaveis, e esse trabalho que se conserva, talvez impropriamente, no Ministerio das Obras Publicas, Commercio e Industria, foi tambem de grande auxilio para aquelle auctor.

Os dois interrogatorios do seculo passado, publicados n-*O Archeologo Português*, I, 268 sqq., certamente ambos da mão do P.e Luis Cardoso, em pouco differem entre si. A parte propriamente chorographica das respostas aos interrogatorios de 1758 já foi, como disse, amplamente explorada. A parte antiquaria foi tambem explorada, mas parece que não com o mesmo desenvolvimento da parte chorographica. Em primeiro logar o Sr. Emilio Hübner, por intermedio de A. Herculano e A. Soromenho, e só com respeito a inscripções, colligiu tudo o que encontrou para o *Corpus Inscriptionum Latinarum*, vol. II, *Inscriptiones Hispaniae Latinae*, 1869; não é provavel que escapassem

---

[1] Cfr. *O Archeologo Português*, I, 267.

[2] Cfr. *O Archeologo Português*, *loc. laud.*

muitas copias de inscripções. Borges de Figueiredo tambem de lá tomou alguns apontamentos, conforme se vê na *Revista Archeologica*, IV, 136. E ainda outros que não é necessario indicar consultaram aquelles materiaes [1].

O Sr. A. Mesquita de Figueiredo começou a pag. 142 d-*O Archeologo Português* a extractar do *Diccionario Geographico de Portugal*, do P.e Luis Cardoso o que alli se encontra de interessante em relação a archeologia.

Seguindo esse caminho, retiramos dos 43 volumes, em que se contém os cadernos manuscriptos na Torre do Tombo, menções archeologicas, porém com restricções. O que tem caracter moderno, i. é, posterior á fundação da monarchia não é incluido; attendendo, comtudo, á necessidade de formar um peculio de inscripções portuguesas, são estas recebidas. Todas as lendas com caracter local são tambem publicadas. Muitos excerptos parecerão extensos, mas mutilar as relações ou resumi-las seria tirar-lhes o valor.

1. «Castello» de Abbação (Entre-Douro-e-Minho)

«Tem esta serra (*de Santa Catharina*) o Mosteyro de Santa Marinha da Costa de Monges de S. Hironimo, tem mais em sima huma ermida de Santa Catherina, e neste sitio alguns vestigios de haver antiguamente algum castello.....».

«Não tem lagoas só sim barrocos grandes e varias lapas debayxo de penedos, aonde se recolhem os pastores do guado, quando chove». (Tomo I, fl. 5).

2. Abbedim (Minho)

Penha ou castello de S. Martinho. — Lenda da agoa que deixa cahir do tôco uma fruta. — Restos de povoação antiga

«Ha huma pequena ermida, em huma monstruoza penha de penidice, que para se hir a ella he muito laboriozo, da invocaçam de sam Martinho ..... dasse tambem a esta jrmida o titulo de sam Martinho da Penha, e outros lhe dam o titulo do Castello de Sam Martinho, por hauer algumas memorias ou lembranças, que hum senhor d'estas terras no tempo da infelidade (*sic*), por sua companheyra se reduzir aos Misterios da nossa santa Fé Catholica, a mandara pôr de citio (i. é, cêrco) naquella medonha penha de penediçe com goardas,

---

[1] [Na *Revista litteraria*, Porto 1842, vol. VIII e IX, vem publicados extractos de um ms. da Torre do Tombo, que é provavel que seja o mesmo de que trata o Sr. Azevedo, mas não posso verificar agora, por falta de tempo. — J. L. DE V.].

para que lhe não passasse acima nenhum comistível, pera que ella desistiçe de sua santa inspiraçam, que Deus lhe tinha infundido, e leuada ella no amor deuino, havendo huma grande sterilidade de peixe, lhe enviou o Altissimo do ceo huma grande truta marisca por huma aguia, que lhe lançou em seu regaço, e ella por reconhecer a grande falta de peixe, que havia nas vezinhanças, a enviou a seu marido chamado Abbedis, que asistia na freguezia de Trute, que fica distante do Castello supradicto meia legoa para tres coartos de legoa pouco mais ou menos, e pelo portador mandou dizer ao dito Abbedis, que não temesse a fome, que a Magestade divina a tinha muito bem favorecido de todos os mantimentos, que elle movido da Mizericordia Divina se reduzio a nossa fe [1]; e no dito Castello da penha se acha alguns indicios ou vestigios, adonde se não vai senão com muito trabalho por ter entradas muito apertadas e perigozas, e no dito Castello se acha alguns monumentos que mostram que nelle ouve alguma povoaçam ou asistencia.....». (Tomo I, fl. 80; cfr. *O Archeologo Português*, I, 142).

3. «Castello» de Abiul (Estremadura)

«Esta villa e seo termo tem alem dos montes, que a cercão, hum chamado o do Castello, outro o monte Albão, outro da Boavista, outro da Forca, huma serra chamada de Sicõ.....». (Tomo I, fl. 103).

4. Adeganha (Trás-os-Montes)

«Castello» dos Mouros num alto.—Vestigios de fundição de metaes

«Dize-se que fora povoada de mouros, que bem se ve os sitios donde abitavam, principalmente no sitio donde está a capella de N. Senhora do Castello, que ali tinham o Castello, em o alto de hum monte de fragas, e no fundo a villa, donde se tem achado, e acham ainda metaes, cunhos d'elle, e outras cousas mais de que se nam faz caso, e se acha muyta escoria de o fabricarem. Tem logo junto hum sitio que se chama o Vale do Ouro». (Tomo I, fl. 243; cfr. *O Archeologo Português*, I, 143, § 3).

Pedro A. de Azevedo.

---

[1] [É a mesma lenda, muito conhecida, que se attribue a D. Fernando Rodrigues Pacheco, governador do castello de Celorico da Beira no seculo XIII. Ha lendas analogas nostros paises, e datam já da antiguidade. Sobre o assumpto publicou em 1882 o Dr. G. Pitrè, de Palermo, um meritorio trabalho em italiano, de que só conheço a traducção allemã com o seguinte titulo: *Ueber eine sagenhafte Kriegslist bei Belagerungen* (De um estratagema de guerra lendario nos assedios).—J. L. de V.]

EXPEDIENTE

O Archeologo Português publicar-se-ha mensalmente. Cada número será sempre ou quasi sempre illustrado, e não conterá menos de 16 paginas in-8.°, podendo, quando a affluencia dos assumptos o exigir, conter 32 paginas, sem que por isso o preço augmente.

PREÇO DA ASSIGNATURA

(Pagamento adeantado)

Anno	1$500 réis.
Semestre	750 »
Numero avulso.....	160 »

Estabelecendo este modico preço, julgamos facilitar a propaganda das sciencias archeologicas entre nós.

Toda a correspondencia á cêrca da parte litteraria d'esta revista deverá ser dirigida a **J. Leite de Vasconcellos**, para a *Bibliotheca Nacional de Lisboa*.

Toda a correspondencia respectiva a compras e assignaturas deverá, acompanhada da importancia em **carta registada** ou em **vales de correio**, ser dirigida a **J. A. Dias Coelho**, para a *Imprensa Nacional de Lisboa*.

Á venda nas principaes livrarias de Lisboa, Porto e Coimbra.